

Os apólogos de *Vigílias negras*, de Léon-Gontran Damas

Daniel Padilha Pacheco da Costa¹

Resumo: Neste artigo, discuto o lugar especial ocupado pela única obra em prosa ficcional do escritor guianense Léon-Gontran Damas, intitulada *Veillées noires*. Contes nègres de Guyane (1943), no interior do seu projeto literário e político. Segundo a “ideologia da revalorização africana” própria ao movimento da Negritude, *Veillées noires* (Vigílias negras) retoma um dos mais importantes gêneros narrativos das culturas orais africanas e crioulas: o conto tradicional. O título “Vigílias negras” metaforiza o contexto original de performance desses contos orais tradicionais oriundos da bacia amazônica da Guiana Francesa e transmitidos pela personagem da anciã “Tètèche”, condensando os seus diferentes sentidos políticos, culturais e telúricos. Como essa coletânea de contos permanece inédita em língua portuguesa, proponho uma tradução dos seus quatro minicontos ou microcontos que, podendo ser considerados “apólogos”, intitulam-se “Palabre” (Bate-papo), “Mystère” (Mistério), “Astuce” (Astúcia) e “Aux premiers âges” (Nos primeiros anos).

Palavras-chave: Léon-Gontran Damas. Negritude. *Veillées noires*. Tradução comentada. Apólogos.

1 Daniel Padilha Pacheco da Costa é professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e do Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É pós-doutor pelo Departamento de Linguística e Tradução da Université de Montréal (Québec, Canada). Foi pesquisador convidado da Maison de la Recherche de l'Université Sorbonne Nouvelle (Paris III). É doutor pelo Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês), com estágio doutoral na Université Paris-Sorbonne (Paris IV). É pesquisador em Literatura Comparada e Tradução. É tradutor do francês e do inglês. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5806363033658077>. E-mail: dppcost@ufu.br.

1 A Negritude guianense segundo Léon-Gontran Damas

O guianense Léon-Gontran Damas (1912-1978), juntamente com o martinicano Aimé Césaire (1913-2008) e o senegalês Léopold Sédar Senghor (1906-2001), foi um dos fundadores do movimento literário e político da Negritude. Criado por volta de meados dos anos de 1930, esse movimento reuniu, a princípio, escritoras e escritores negros de língua francesa. Dos integrantes da tríade fundadora do movimento da Negritude, L.-G. Damas pode ser considerado aquele que mais se aproximou do círculo de intelectuais nova-iorquinos pertencentes, nos anos de 1920 e 1930, à *Harlem Renaissance*, também chamada de *New Negro Movement* (RABAKA, 2016).

O escritor guianense se interessou muito cedo pelo problema da segregação racial nos Estados Unidos, tornando-se amigo dos líderes da insurreição afro-americana, como Richard Wright (EMINA, 2014). Uma das principais contribuições de L.-G. Damas, como afirma Rabaka (2016), foi fazer a ponte entre a *Harlem Renaissance* e o movimento da Negritude, incorporando inovadoramente o radicalismo estadunidense a sua crítica do racismo, colonialismo e assimilacionismo, baseada na reivindicação do legado africano, ameríndio e crioulo, como ilustram as suas primeiras coletâneas de poemas (*Pigments*, 1937) e de ensaios (*Retour de Guyane*, 1938).

Os primeiros poemas do escritor guianense foram publicados, em 1934, na revista *Esprit* (Paris), antes mesmo da criação da revista *L'Étudiant Noir* (Paris), em 1935. Um marco na criação do movimento da Negritude, *L'Étudiant Noir* foi co-fundada por aqueles três que, à época, ainda eram estudantes. A respeito de *L'Étudiant Noir*, L.-G. Damas afirma: “[...] revista corporativa e de combate cujo objetivo era o fim da tribalização, do sistema de clãs em vigor no Quartier Latin. Deixamos de ser estudantes essencialmente martinicanos, guadalupenses, guianenses, africanos ou malgaxes, para não sermos senão um único e mesmo estudante negro. Estava encerrada a vida compartimentada”² (*apud* KESTELOOT, 1986, p. 95, tradução minha).

Na revista *L'Étudiant Noir*, o escritor guianense publicou poemas esparsos que, mais tarde, seriam incluídos na sua primeira coletânea poética, *Pigments* (1937), cuja publicação ficou a cargo do editor Guy Lévy Mano (Paris), com

2 Original em língua francesa: “[...] L'Étudiant Noir, journal corporatif et de combat avec pour objectif la fin de la tribalisation, du système clanique en vigueur au Quartier Latin. On cessait d'être un étudiant essentiellement martiniquais, guadeloupéen, guyanais, africain, malgache, pour n'être plus qu'un seul et même étudiant noir. Terminée la vie en vase clos”.

prefácio de Robert Desnos e uma xilogravura de Frans Masereel.³ Um ano mais tarde, L.-G. Damas publicou uma coletânea de ensaios, *Retour de Guyane*⁴ (1938), que foi inspirada na missão etnográfica e antropológica que realizou nas Guianas Francesa e Holandesa, em 1934, como enviado oficial do professor Paul Rivet, Diretor do Museu de Etnografia do Trocadero de Paris. Poucos anos depois, Léon-Gontran Damas experimentaria um novo gênero em prosa na obra *Veillées noires. Contes nègres de Guyane* (1943). Essa coletânea de contos – diferentemente daquelas coletâneas de poesia⁵ e de prosa ensaística,⁶ cujos gêneros voltariam a ser praticadas por ele – constitui a sua única obra em prosa ficcional.

2 A tradição de contos orais revisitada

Desde o título e subtítulo da primeira edição de *Veillées noires. Contes nègres de Guyane* (1943), é explicitada a vinculação dessa coletânea de contos ao movimento da Negritude. Além do emprego do adjetivo “noires” (pretas), no título, o uso do próprio adjetivo “nègres” (negros), no subtítulo, explicita ainda mais essa vinculação, ao retomar a qualificação do próprio gênero literário realizada, mais de duas décadas antes, no subtítulo de *Batouala. Véritable roman nègre* (1921), do também guianense René Maran (1887-1960), que pode ser considerado um dos principais precursores daquele movimento. Enquanto, no subtítulo de *Batouala*, o adjetivo “nègre” qualifica o romance, no subtítulo de *Veillées noires*, o adjetivo “nègres” qualifica os contos.

Um dos objetivos do movimento da Negritude era, justamente, o reconhecimento das culturas afro-crioulas, chamado de “ideologia da revalorização africana”. O conto tradicional constituía um dos mais importantes gêneros narrativos praticados pelas culturas orais africanas e crioulas (EMINA, 2014). Podendo ser

3 Essa coletânea de poemas foi reeditada, em 1962, pela editora Présence Africaine (Paris).

4 Na sua reedição pela J.-M. Place (Paris), intitulada *Retour de Guyane. Misère noire: et autres écrits journalistiques* (2003), foram incluídos dois artigos de jornal publicados em agosto e outubro de 1938, e *Misère Noire*, publicado em junho de 1939.

5 Em vida, L.-G. Damas publicou cinco coletâneas de poemas – *Poèmes nègres sur des airs africains* (1948), *Graffiti* (1952), *Black Label* (1956), *Névalgie* (1966) e *Yani des Eaux* (1967). Postumamente, foi publicada a coletânea *Dernière Escalade* (2012). No seu número 16, intitulado “Especial Negritude e Tradução”, a revista *Cadernos de Literatura em Tradução* publicou o artigo “Os Graffiti de Léon-Gontran Damas” (2016), que inclui a tradução realizada por Marcos Bagno de nove poemas de *Graffiti*.

6 Ele também publicou outras duas coletâneas de ensaios, *Poètes d'expression française* (1947) e *Poèmes nègres sur des airs africains* (1948).

considerada uma inversão da expressão “noites brancas” (*nuits blanches*), “vigílias negras” (*veillées noires*), no título, metaforiza o contexto original de performance desses contos orais tradicionais, condensando os seus diferentes sentidos políticos, culturais e telúricos:

O substantivo *veillée* faz referência a uma reunião noturna – uma vigília na qual o folclore ganha vida, com todos os olhos maravilhados e os ouvidos bem abertos para as mensagens – e ao respectivo mistério da escuridão, que é o reino dos fantasmas e do sobrenatural e o mundo dos ancestrais [...] O conto de Damas está totalmente imerso nessa atmosfera que mistura o real com o misterioso e o sério com o jocoso. Ele usa os contos para recriar e reordenar a história dos negros, que foi distorcida pelo Ocidente [...] Todos os africanos, todos os afro-caribenhos e todos os afro-americanos que não perderam a sua herança devem se lembrar de símbolos como Tètèche, em torno de quem as pessoas se reuniam na sua infância para aprender lições que jamais tinham sido encontradas nos livros do escravocrata.⁷ (OJO-ADE, 1993, p. 136-137, *apud* MILLER, 2014, p. 156, tradução minha).

A tradição dos contos orais crioulos é reivindicada na introdução: “Correndo o risco de ser, às vezes, obscuro, tentei respeitar a tradição oral dos países crioulos e da sua linguagem dotada, muitas vezes, de uma sutileza desconcertante”⁸ (DAMAS, 1972, p. 10, tradução minha). Afirmado desde o subtítulo, o pertencimento da coletânea ao território “de Guiana” e, mais especificamente, da bacia amazônica da Guiana Francesa é reiterado em seguida: “Lembre-se de que esses contos se originaram nos territórios que formam a Bacia Amazônica e de que a Amazônia banha as únicas terras do mundo ainda inexploradas”⁹ (DAMAS, 1972, p. 11, tradução minha).

7 Original em língua inglesa: “*The substantive, veillée, connotes a night gathering, a watch where folklore is brought to life, with all eyes agape and ears open wide to the messages, and the attendant mystery of darkness, which is the realm of ghosts and the supernatural, and the world of ancestors [...] The damasian story is fully immersed in that atmosphere mixing the real with the mysterious, and the serious with the light-hearted. He uses the stories to recreate and reorder Black history distorted by the West [...] every African, every Afro-Caribbean, every Afro-American, those that have not lost their heritage, must remember symbols like Tètèche around whom they used to gather in their childhood days to learn lessons never to be found in the enslaver's books*”.

8 Original em língua francesa: “*J’ai essayé de respecter, encourageant le risque d’être parfois obscur, la tradition orale des pays créoles au langage d’une subtilité souvent déconcertante*”.

9 Original em língua francesa: “*Qu’on veuille bien se rappeler que ces contes ont pris naissance dans les territoires qui forment le Bassin de l’Amazone et que l’Amazone arrose les seules terres du monde qui soient encore inexplorées*”.

O seu uso dos mitos da “floresta virgem” e da sua “excepcionalidade” lhe permitem insistir na originalidade da sua coletânea de contos. Recusando o mito moderno europeu do autor como indivíduo singular e como lastro da autenticidade da obra, L.-G. Damas transpõe essa originalidade para uma tradição oral que fora ignorada e desprestigiada. Não por acaso, o autor dos contos apresenta a si mesmo como um mero “transcritor” dessa tradição oral, como ele afirma no fim da introdução: “Tudo isso me foi dado por Tètèche, com o tempero deste sal crioulo tão resolutamente resistente às traduções. Fiz o meu melhor para transcrevê-los, enquanto Tètèche falava...”¹⁰ (DAMAS, 1972, p. 11, tradução minha).

Ouvidos da boca da anciã “Tètèche”¹¹ nas noites da sua infância na região amazônica da Guiana Francesa, os contos são pertencentes a uma tradição anônima. Nesse sentido, a personagem da anciã “Tètèche” não seria senão uma personificação da figura do contador tradicional guianense. Em *Veillées noires*, L.-G. Damas segue, essencialmente, o modelo etnográfico oferecido pelo escritor e poeta senegalês Birago Diop que, desde a sua primeira coletânea de contos, *Les Contes d'Amadou Koumba*¹² (1947), já se colocava como “transcritor” de contos orais tradicionais que lhe teriam sido narrados pelo ancião Amadou Koumba, um “*griot*” (um cantor, contador, genealogista e depositário de uma tradição inteiramente oral) da sua família¹³.

Assim como a narração de Birago Diop, a de L.-G. Damas cinde o processo de recepção dessa tradição oral em duas temporalidades distintas: o tempo da infância (e, portanto, da memória) e o do “retorno ao país natal” no presente (EMINA, 2014). O escritor guianense, em particular, retornou depois de um longo exílio na Europa à Guiana Francesa para uma missão oficial pelo Museu de Etnografia do Trocadero, em 1934, na qual já se inspirara para escrever *Retour de Guyane* (1938). Nessa mesma missão, L.-G. Damas, consciente da importância do seu patrimônio oral, também recolheu os contos tradicionais de *Veillées noires* (MILLER, 2014). Embora o apresente de forma aparentemente neutra, o seu

10 Original em língua francesa: “*Tout cela m'a été donné par Tètèche, assaisonné de ce sel créole si résolument rebelle aux traductions. J'ai fait de mon mieux pour les transcrire, tandis que Tètèche parlait...*”

11 Na coletânea poética *Black-Label* (1956), o poeta relembra a voz da vendedora ambulante Tètèche.

12 Ver também, de Birago Diop, *Les nouveaux contes d'Amadou Koumba* (1958), *Contes et Lavanés* (1963), *Contes Choisis* (1967) e *Contes d'Awa* (1977).

13 Antes de conhecer Amadou Koumba, ele já ouvira contos narrados por outros anciãos senegaleses – como a sua mãe e a sua avó – e cantados por “*M'Banda-katts*” (clowns cantores e dançarinos), “*Ritikatts*” e “*Lavankatts*”.

trabalho de “transcrição” para o código literário escrito em língua francesa de uma tradição oral “tão resolutamente resistente às traduções” é eminentemente criativo.

3 A escrita decolonizada dos apólogos crioulos

O diálogo com gêneros canônicos da literatura francesa, como a fábula, é constante na escrita dos seus contos. Por vezes, os contos retomam, diretamente, algumas *Fábulas* de Jean de La Fontaine, como “La laitière et le pot au lait” – em “Échec et Mat” (DAMAS, 1972, p. 89-111) –, “Le Loup et l’Agneau” – em “Azouzou” (DAMAS, 1972, p. 153-158) – e “La Mort et le Bûcheron” – em “Grain de Sel” (DAMAS, 1972, p. 143-150) (EMINA, 2014). Nesse sentido, o escritor guianense produz, necessariamente, uma síntese entre as estruturas narrativas da tradição oral crioula e as da escrita literária francesa, como afirma Lilian Pestre de Almeida: “[L.-G. Damas] reescreve tanto a escritura francesa [...] quanto a oralidade crioula. Ele amalgama duas tradições [...] e abre um dos caminhos para a escrita mestiça, a qual, situada no limiar entre o escrito e o oral, prefiro chamar de escrita decolonizada”¹⁴ (*apud* EMINA, 2014, p. 123, tradução minha).

A mesma síntese entre as matrizes culturais crioula e francesa receberia, quase meio século mais tarde, uma formulação programática em *L’Éloge de la Créolité* (1989), de Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Jean Bernabé (EMINA, 2014). Um ano antes, Patrick Chamoiseau já aplicara, no romance *Solibo Magnifique* (1988), esse programa de tensionamento entre a tradição oral crioula e a escrita literária francesa, apostando, em particular, na fecundidade do próprio conto tradicional crioulo para a criação de uma “oralitura” (*oraliture*). Apresentado como “conto policial” (*conte policier*), *Solibo Magnifique* subverte por dentro as convenções do romance policial europeu para investigar a causa da morte de um contador tradicional, o protagonista Solibo Magnífico, cuja voz silenciada ressurge das cinzas (COSTA, 2021).

Em *Veillées noires*, Léon-Gontran Damas explora diferentes gêneros e formas, como apólogos, enigmas, provérbios, jogos infantis e cantos tradicionais. Reunidos sob a designação de “contos negros”, os gêneros e formas explorados nessa coletânea não possuem nenhuma ordem aparente ou clara. Na introdução,

14 Original em língua francesa: “[Damas] réécrit à la fois l’écriture française [...] et l’oralité créole. Il fait l’amalgame de deux traditions [...] et il ouvre une des voies de l’écriture métissée, à la lisière de l’écrit et de l’oral, que nous préférons appeler écriture décolonisée”.

os dezenove “contos negros” reunidos na coletânea são chamados de “comédias” (*comédies*) pelo seu humor nem sempre evidente, mas onipresente: “Não se esqueça da decoração, sumptuosa ao extremo, destas “comédias””¹⁵ (DAMAS, 1972, p. 11, tradução minha). No interior dessas dezenove “comédias”, podem ser encontradas quatro formas muito breves que, próximas da estrutura dos minicontos ou micro contos praticados na literatura contemporânea, são consideradas “apólogos” por Emina (2014, p. 165, tradução minha):

Com efeito, ao olhar mais de perto, constata-se que *Veillées noires* não obedece a nenhuma ordem aparente (a não ser o humor espesso do seu autor-transcritor), passando, frequentemente, de um relato elaborado com dez páginas a um breve apólogo de menos de uma página. Pode-se, assim, identificar quatro dessas formas curtas, “*Palabre*”, “*Mystère*”, “*Astuce*” e “*Aux premiers âges*”; o resto da obra está dividido em quinze contos de extensão variável, entre os quais se pode estabelecer a seguinte nuance: dez são contos sobre animais, enquanto cinco apresentam personagens humanos ou sobrenaturais, como gênios e demônios.¹⁶

Intituladas “*Palabre*”, “*Mystère*”, “*Astuce*” e “*Aux premiers âges*” (e traduzidas para o português, respectivamente, por “Bate-papo”, “Mistério”, “Astúcia” e “Nos primeiros anos”), as quatro formas breves da coletânea, de fato, possuem um didatismo tão explícito e visível que justifica a sua caracterização como apólogos. No entanto, essa dimensão didática não lhes é exclusiva, razão pela qual, na introdução, o próprio escritor guianense se refere ao conjunto das suas “comédias” como “apólogos”: “Uma sabedoria antiga e rude projetava sombras deliberadamente distorcidas e caricaturais sobre esses apólogos”¹⁷ (DAMAS, 1972, p. 9, tradução minha). Com efeito, a sabedoria popular (“antiga e rude”) é transmitida no conjunto dos dezenove “contos negros” da coletânea. Como afirma Miller (2014),

15 Original em língua francesa: “*Que l’on oublie pas le décor, somptueux jusqu’à l’exagération, de ces « comédies »*”.

16 Original em língua francesa: “*En fait, à y regarder de plus près, on constate que Veillées noires n’obéit à aucun ordre apparent (sinon l’humeur buissonnière de son auteur-transcripteur), passant fréquemment d’un récit élaboré sur une dizaine de pages à un bref apologue d’à peine une page. On peut ainsi dénombrer quatre de ces formes brèves, « Palabre », « Mystère », « Astuce » et « Aux premiers âges », le reste de l’ouvrage se répartissant en quinze contes d’importance variable, à cette nuance près que dix d’entre eux sont des contes animaliers, tandis que cinq autres mettent en scène des personnages humains ou surnaturels, tels que génies et diables*”.

17 Original em língua francesa: “*Une antique et rude sagesse projetait des ombres volontairement déformées, caricaturales, dans ces apologues*”.

o didatismo envolvido na revisitação do conto tradicional oral pela coletânea de contos crioulos *Veillées noires* de L.-G. Damas contribuiu, significativamente, para o desenvolvimento da sua ideologia da Negritude guianense.

4 Tradução dos apólogos de *Vigílias negras* de L.-G. Damas

A coletânea *Vigílias negras* jamais foi traduzida para a língua portuguesa. Para apresentá-la, proponho uma tradução inédita para o português da subunidade constituída pelos seus quatro contos breves, chamados de “apólogos” por Emina (2014). Como o uso das letras maiúsculas na obra do escritor guianense é específico, podendo esconder nuances de significação (EMINA, 2014), mantive a ortografia da edição de referência. Há duas edições dessa coletânea de contos: a sua primeira edição, intitulada *Veillées noires. Contes nègres de Guyane* (1943), foi publicada pela Édition Stock (Paris), e a sua reedição, intitulada *Veillées noires* (1972), pela Leméac Éditeur (Montréal/Ottawa). Foi utilizada essa reedição na minha tradução para o português, que apresento a seguir.

Palabre

– « Tu as beau rassembler à l'Homme, dit Perroquet, un beau jour, à Singe, tu es incapable de parler, comme lui et moi.

– Assurément, tu parles. Et même tu parles beaucoup, rétorqua Singe. Mais s'il en est ainsi, insupportable bavard, c'est que tu n'as pas de mains, comme moi qui en ai quatre, et que, dès lors, on ne peut pas t'obliger à travailler. Si je voulais parler, je m'en tirerais sans nul doute mieux, beaucoup mieux que toi. Mais je serais – comme tes pareils – enfermé dans une cage, et il me faudrait payer l'impôt. Par surcroît...

« Grand merci! »

(DAMAS, 1972, p. 13-15)

Bate-papo

– Mesmo que tente parecer com o Homem – disse Papagaio, um belo dia, a Macaco –, você é incapaz de bater papo, como ele e eu.

– Sem dúvida, você bate papo. E bate papo até demais – retrucou Macaco. Mas se assim é, seu tagarela insuportável, é porque você não tem mãos, como eu, que tenho quatro e, por isso, não é possível obrigá-lo a trabalhar. Se quisesse bater papo, sem nenhuma dúvida

eu me sairia melhor, muito melhor que você. Mas eu estaria – como os seus semelhantes – trancado em uma gaiola e teria que pagar o imposto. Além disso...

“Muito obrigado!”

(Tradução minha)

Mystère

Cochonnet vit d’abord passer les moutons avec les brebis et les agneaux sautillants.

Le soleil tombait rapidement. Ménado, le valet de ferme, s’empressait de les faire rentrer au bercail. En passant, Tout-Fou, le chien, vint gambader en aboyant moqueusement autour de lui, pour l’effrayer. Se prêtant au jeu, Cochonnet feignit d’avoir grand’peur et s’enfuit en emmêlant ses petites pattes maladroites.

Puis il revint admirer les moutons vifs et les gracieux agneaux qu’il enviait secrètement.

Un peu plus tard, défilèrent les buffles puissants qui supportaient majestueusement le joug. Ils rumaient quelque herbe aromatique arrachée à la prairie ensoleillée, au cours de la pose, tandis que l’homme faisait la sieste. Un peu de bave coulait de leurs mufles carrés et robustes.

Et Cochonnet, songeur, admirait les mufles.

Le soleil était tombé.

Mère Truie vint, en grommelant, lui ordonner de rentrer:

– « Qu’as-tu à regarder de cet air bête? Tu es toujours où il ne faut pas. Tu te places presque sous les sabots de ces grandes brutes de paysans qui reviennent des champs, lourds d’avoirs besogné, toute la journée au soleil. Je suis fatiguée de te dire que tu ne dois pas fréquenter n’importe qui... Un petit cochon bien élevé ne fraye pas avec les buffles de la ferme.

– Mais, je... ne...

– Tais-toi! Deviendrais-tu insolent par surcroît? J’en parlerai à ton père. Tu ne?... Tu dis?

– Je ne fraye pas avec les buffles: Je les regardais, je regardais leurs museaux.

– Ha! Oui...? Dit Mère Truie. Tu regardais leurs museau?

– J’ai regardé aussi les moutons, les brebis, les agneaux. J’ai regardé Tout-Fou le chien...

– Vraiment?... Tu as regardé tout cela? Et qu’as-tu vu de bon? »

Cochonnet fut quelque temps à répondre; il suivait docilement Mère Truie vers la case aux cochons.

Il rompit cependant son silence pour demander brusquement :

– « Maman, pourquoi donc as-tu un grouin si long? »

Mère Truie suspendit sa marche.

Elle tourna vers son rejeton un seul œil, tout plissé de malice. Elle agita un peu sa toute petite queue et répondit simplement :

« *Pacho!*... Patience! »

(DAMAS, 1972, p. 57-60)

Mistério

Porquinho viu, de início, passarem os carneiros com as ovelhas e os cordeiros saltitantes.

O sol se punha rapidamente. Menado, o peão da fazenda, apressava-se a fazê-los entrar no redil. Precipitadamente, Todo-Louco, o cão, veio pulando e latindo zombeteiramente ao redor de Porquinho para assustá-lo. Entrando na brincadeira, Porquinho fingiu que tinha muito medo e, enredando as pequeninas patas desastradas, fugiu.

Em seguida, retornou para admirar os carneiros vívidos e os graciosos cordeiros que, secretamente, invejava.

Um pouco mais tarde, desfilaram os poderosos búfalos que, majestosamente, suportavam o jugo. Eles ruminavam alguma erva aromática arrancada do prado ensolarado durante o descanso, enquanto o homem fazia a sesta. Um pouco de baba escorria dos focinhos quadrados e robustos deles.

E Porquinho, pensativo, admirava os focinhos deles.

O sol tinha se posto.

Mamãe Porca veio, resmungando, mandá-lo entrar:

– O que você está olhando com esta cara de besta? Está sempre onde não devia. A toda a hora, fica quase embaixo das tamancas destes brutíssimos lavradores que, pesados de labutar o dia inteiro sob o sol, retornam dos campos. Estou cansada de lhe dizer para não passar o tempo com qualquer um... um porquinho bem educado não anda com os búfalos da fazenda.

– Mas, eu... eu...

– Cale a boca! Você ainda se torna insolente? Vou falar com o seu pai sobre isso. Você não?... Disse?

– Não ando com os búfalos: eu olhava-os, olhava os focinhos deles.

– Ah! Sim?... – disse Mamãe Porca. – Você olhava os focinhos deles?

– Olhei também os carneiros, as ovelhas e os cordeiros. Olhei Todo-Louco, o cão...

– Verdade?... Olhou tudo isso? E o que viu de bom?

Porquinho levou algum tempo para responder; seguia a Mamãe Porca em direção ao chiqueiro.

Contudo, quebrou, bruscamente, o silêncio para perguntar:

– Mamãe, por que é que você tem um focinho tão longo?

Mamãe Porca interrompeu o passo.

Voltou para o seu filhote um só olho, todo franzido de malícia. Agitou um pouco o seu rabo pequenino e, simplesmente, respondeu:

“*Pacho!*... Paciência!”

(Tradução minha)

Astuce

Lapin qui ne s’attendait nullement à se trouver nez à nez avec Tigre, se mit à trembler de tous ses membres.

– « Pourquoi trembles-tu de la sorte? Tu fais de la température, si beau matin? Un peu de paludisme? »

Alors Lapin, retrouvant et son aplomb et son sang-froid :

– « Si tu me vois trembler de la sorte, c’est, lui assure-t-il, que j’ai tué déjà deux tigres et m’apprête à en tuer un troisième. »

Tigre à son tour prend peur, se met à trembler de tous ses membres, et s’enfuit.

Il court encore, assure-t-on.

(DAMAS, 1972, p. 83-85)

Astúcia

Coelho de modo algum esperava encontrar-se cara a cara com Tigre e os seus membros todos começaram a tremer.

– Por que você está tremendo assim? Está com febre em tão bela manhã? Com um pouco de malária?

Então, recuperando o seu aprumo e o seu sangue-frio, Coelho responde:

– Se você me vê tremer assim, é porque – assegura-lhe – já matei dois tigres e estou prestes a matar um terceiro.

Tigre, por sua vez, fica com medo, os seus membros todos começam a tremer, e ele foge.

Conta-se que ainda está correndo.

(Tradução minha)

Aux premiers âges

– « Que faire maintenant de mon petit? demanda la Première Vache, fort embarrassée de son premier nouveau-né de veau...

– Pose-le donc par terre », répondit une Voix.

Et la Vache mit tout de suite son premier nouveau-né de veau par terre.

* * *

– « Que faire maintenant de mon petit? demanda la Première Négresse, fort embarrassée de son premier nouveau-né de négrillon...

– Pose-le donc par terre », répondit une Voix.

Mais la Première Négresse trouva son petit trop beau pour le mettre par terre. Son cœur se serrait à cette seule pensée:

«...Alors tiens-le dans tes bras! poursuivit la Voix.

– Et comment ferai-je pour travailler avec mon petit dans les bras? rétorqua la Première Négresse.

– Alors porte-le à ton dos! », conseilla la Voix.

Et la Première Négresse noua son pagne de manière à porter au dos son premier enfant.

* * *

– « Que faire maintenant de mon petit? demanda la Première Madame Blanche, fort embarrassée de son Premier Nouveau-Né de Blanc...

– Pose-le donc par terre », répondit une Voix.

Mais la première Madame Blanche trouva son petit trop mignon pour le mettre par terre. Son cœur s'irrita à cette seule pensée:

– «... Alors tiens-le dans tes bras! » poursuivit la Voix. Ce que fit la Première Madame Blanche.

* * *

C'est pourquoi les Petits-de-Boeufs gambadent, dès le jour de leur naissance.

C'est pourquoi les Petits-de-Nègres doivent travailler, dès leur naissance.

C'est pourquoi les Petits-d'Hommes-Blancs attendent bien des mois, avant que de savoir seulement se tenir debout.

(DAMAS, 1972, p. 131-134)

Nos primeiros anos

– O que fazer agora com o meu filhote? – perguntou a Primeira Vaca, muito atrapalhada com o seu primeiro bezerro recém-nascido...

– Pois coloca-o no chão. – respondeu uma Voz.

E a Vaca colocou imediatamente o seu primeiro bezerro recém-nascido no chão.

* * *

– O que fazer agora com o meu filhote? – perguntou a Primeira Negra, muito atrapalhada com o seu primeiro recém-nascido negro...

– Pois coloca-o no chão. – respondeu uma Voz.

Mas a Primeira Negra achou o seu filhote bonito demais para colocá-lo no chão. O seu coração apertou só de pensar nisso:

– Então segura-o nos braços! – continuou a Voz.

– E como farei para trabalhar com o meu filhote nos braços? – retorquiu a Primeira Negra.

– Então carrega-o nas costas! – aconselhou a Voz.

E a Primeira Negra amarrou o seu saiote de modo a carregar nas costas o seu primeiro filho.

* * *

– O que fazer agora com o meu filhote? – perguntou a Primeira Senhora Branca, muito atrapalhada com o seu Primeiro Recém-Nascido Branco...

– Pois coloca-o no chão. – respondeu uma Voz.

Mas a Primeira Senhora Branca achou o seu filhote lindinho demais para colocá-lo no chão. O seu coração se irritou só de pensar nisso:

– Então segura-o nos braços! – continuou a Voz. Foi isso o que a Primeira Senhora Branca fez.

* * *

É por isso que os Filhotes-de-Bois pulam, desde o primeiro dia em que nascem.

É por isso que os Filhotes-de-Negros devem trabalhar, desde que nascem.

É por isso que os Filhotes-de-Homens-Brancos esperam uns bons meses, antes mesmo de aprenderem a ficar de pé.

(Tradução minha)¹⁸

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos (2016). “Os *Graffiti* de Léon-Gontran Damas”. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 16 (número especial “Negritude e Tradução”), p. 201-210.
- BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël; CHAMOISEAU, Patrick (1989). *L'Éloge de la Créolité*. Paris: Gallimard.
- BIRAGO, Diop (1947). *Les Contes d'Amadou Koumba*. Paris: Présence Africaine.
- BIRAGO, Diop (1958). *Les nouveaux contes d'Amadou Koumba*. Paris: Présence Africaine.
- BIRAGO, Diop (1963). *Contes et Lavanés*. Paris: Présence Africaine.
- BIRAGO, Diop (1967). *Contes Choisis*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- BIRAGO, Diop (1977). *Contes d'Awa*. Dakar: Les Nouvelles Éditions Africaines.
- CHAMOISEAU, Patrick (1988). *Solibo Magnifique*. Paris: Gallimard.
- COSTA, Daniel Padilha Pacheco da. (2021). A tradução intratextual narrativizada em *Batouala. Véritable roman nègre*, de René Maran. *Lettres françaises*, Araraquara, n. 22, vol. 2, p. 383-398.
- DAMAS, Léon-Gontran (1937). *Pigments*. Avec une préface de Robert Desnos et un bois gravé de Frans Masereel. Paris: Guy Lévy Mano Éditeur.
- DAMAS, Léon-Gontran (1938). *Retour de Guyane*. Paris: José Corti.
- DAMAS, Léon-Gontran (1943). *Veillées noires*. Contes nègres de Guyane. Paris: Édition Stock.
- DAMAS, Léon-Gontran (1956). *Black-Label et autres poèmes*. Paris: Gallimard.
- DAMAS, Léon-Gontran (1962). *Pigments*. Paris: Présence Africaine.
- DAMAS, Léon-Gontran (1972). *Veillées noires*. Montréal/Ottawa: Leméac Éditeur.
- DAMAS, Léon-Gontran (2003). *Retour de Guyane*. Misère noire: et autres écrits journalistiques. Paris: J.-M. Place.

18 Agradeço a Marina Portolano pela leitura atenta e pelas preciosas sugestões para este artigo.

EMINA, Antonella (2014). *Léon-Gontran Damas: Cent ans en noir et blanc*. Paris: CNRS Éditions.

KESTELOOT, Lilyan (1986). *Histoire de la Littérature Nègro-Africaine*. Paris: Éditions Karthala.

MARAN, René (1921). *Batouala*. Véritable roman nègre. Paris: A. Michel.

MILLER, Bart F. (2014). *Rethinking Négritude through Léon-Gontran Damas*. Amsterdam, NY: Rodopi.

RABAKA, Reiland (2016). *The Negritude Movement: W.E.B. Du Bois, Leon Damas, Aime Césaire, Leopold Senghor, Frantz Fanon, and the Evolution of an Insurgent Idea*. Washington DC: Lexington Books.